

TEORIA DO CONHECIMENTO E EDUCAÇÃO NO *MÊNON* DE PLATÃO

Silvana Pimenteli Rocha (UNIR)

Resumo: O tema de pesquisa aqui apresentado, como o próprio título indica, trata da possível relação entre a teoria do conhecimento e a educação na Filosofia de Platão. Ocupa-se da análise de obras filosóficas, nas quais a reminiscência, central na teoria do conhecimento de Platão, e a maiêutica, método de inquirição útil também para o ensino, são destacados. O método de trabalho, com a qual os dados extraídos das obras são analisados, é o hipotético-dedutivo. Por meio dele, a partir de ideias gerais, toma-se a reminiscência e a maiêutica como fios condutores na busca e nas análises de aspectos particulares nos diálogos de Platão, adotando a perspectiva de busca de tipos exemplares e ilustrativos dessas duas teorias abrangentes. Os objetivos nessa pesquisa, já em fase de conclusão são, além do principal que é a compreensão do conceito de maiêutica e reminiscência, no *Mênon*. Também discutir a metafísica platônica subjacente ao conceito de educação, bem como os pressupostos epistemológicos da concepção socrático-platônica de reminiscência e as implicações da maiêutica, tudo isso voltado para a Educação e o Ensino. Dos resultados, espera-se que, ao término da pesquisa, a hipótese de ligação entre teoria do conhecimento e educação se confirmem. Do que já foi desenvolvido se infere que nas obras de Platão analisadas, apontam a intrínseca relação entre teoria do conhecimento, fundamentada no chamado ‘mundo das ideias’, e na existência de formas perfeitas das coisas (*eidós*) e o método de interrogação denominado maiêutica, exposto no *Mênon*.

Palavras-chave: Educação. Filosofia. Ensino.

Introdução

A pesquisa desenvolvida até o momento e quase em fase de conclusão versa sobre a relação entre teoria do conhecimento e educação na filosofia de Platão. O texto aqui apresentado aborda elementos significativos da filosofia platônica, começando por discorrer sobre aspectos da vida de Platão e de seu tempo, em seguida o problema do conhecimento. Sobre esse último ponto a concepção de ‘mundo das ideias’. Sobre esse, é destacado o conceito de reminiscência, central na teoria do conhecimento desse filósofo. Em seguida, as análises visam o método da maiêutica identificado como socrático-platônico, pois que Platão teria apreendido de Sócrates. Ao final, o texto volta

a abordar a problemática da reminiscência, relacionada diretamente às possibilidades do conhecimento e apreensão da verdade.

Há que se indagar sobre a pertinência de estudos dessa envergadura, que tomam para análise o pensamento filosófico de mais de dois mil anos. Atualmente, no mundo globalizado, existem várias teorias e conceitos sobre a Educação. E neste conceito as obras clássicas da filosofia e Filosofia da Educação são poucos utilizados para compreender e analisar a educação na atualidade, nos cursos de Pedagogia. Apesar disso, ao estudar os textos clássicos é perceptível como eles oferecem respostas e possibilidades de compreensão do mundo atual, ou, no mínimo, lançam problemas que iluminam a própria perspectiva pedagógica. Segundo Fanticelli (2003). Sobre o pensamento clássico, e de Platão, mesmo que se tenha passado mais de dois mil anos de sua existência não foram capazes de tornar sua filosofia superada ou esquecida. Não sem razão, este trabalho se inscreve entre os que podem indicar ou demonstrar que as obras clássicas, embora tenham sido elaboradas na antiguidade, são de capazes de provocar a reflexão sobre questões importantes na atualidade em relação aos processos de ensino-aprendizagem.

Certamente que a importância do filósofo reside em suas obras, nas quais expressa um conjunto de ideias cujo valor depende das análises que apresenta a partir de problemas estudados. Com Platão não é diferente, os famosos diálogos geralmente colocando Sócrates como personagem central, são marcas de um gênio que permanece insuperável. Mas a obra não é apenas resultado do esforço de um só, como adverte Fanticelli (2003, p. 135):

A obra de Platão deve ser analisada no contexto da cultura helênica, da qual, de fato, dependeu. Platão utilizou-se dos diversos recursos existentes na cultura helênica, desde os pré-socráticos, dos poetas, assim como das duas tendências religiosas vigentes no período clássico: a olímpica e a órfica. Entretanto, a censura que é feita aos poetas, sem poupar o próprio Homero, e os ataques à sofística contidos nela, e também em outros Diálogos, fazem de Platão um filósofo paradoxal. Nos seus Diálogos, sempre procura situar Sócrates, como um revolucionário equilibrado, ou seja, como um renovador equilibrado entre a tradição e o inusitado. Essa habilidade de situar-se num ponto médio já pressupõe a ideia *apolínia*¹ típica do homem helênico. De igual modo, Platão, por mais ousado que o possa ser, não rompe com a ideia antropocêntrica tradicional.

¹ Referente ao deus Apolo, de formas belas e harmônicas.

O presente trabalho, não tem com intenção fazer uma análise profunda de todas as obras de Platão, será feito uma apresentação da vida e do tempo histórico em que Platão viveu para poder compreender seus pensamentos. E ainda uma analogia das obras platônicas e alguns pensamentos sobre o conhecimento, o mundo das ideias ou teoria das formas, maiêutica e reminiscência. Mesmo assim, o que é apresentado aqui visa analisar a obra *Mênon* de Platão, relacionando-a com a educação do ponto de vista da reminiscência e da maiêutica. Discutindo a metafísica subjacente ao seu conceito de educação. Compreender ainda os pressupostos epistemológicos da concepção socrática de aprendizagem, enucleados sob o conceito de reminiscência.

Utilizou-se de um estudo bibliográfico em textos clássicos de Platão e de literaturas de apoio existente sobre o assunto. E com uma análise dedutiva e análise hipotético dedutivo do presente estudo proposto.

1. Platão e seu tempo

Platão nasceu em Atenas em 427 a. C e morreu em 347 a. C.. Filho de Ariston e de Perictione, Platão pertencia a uma família tradicional de Atenas.

Na época em que Platão viveu, a Grécia era formada por cidades-estados onde o poder de governar era exercido pelo povo grego através de assembleias (*Ekklesia*) que decidia os destinos das *pólis*. Havia no período o predomínio da democracia, na qual os cidadãos livres se reuniam na *ágora* para deliberar acerca dos destinos da cidade. Mas este modo de governa pertencia a poucos cidadãos, pois as “mulheres, estrangeiros e escravos não podiam participar das assembleias” (PESSANHA, 1983, p.8).

Conforme, Pessanha a democracia ateniense, era na verdade, uma oligarquia, pois somente uma pequena parcela da população, podia usufruir dos privilégios de igualdade e direitos de falar nos debates em Assembleia.

Platão foi um discípulo de Sócrates, Platão deixa Atenas depois da condenação e morte de seu mestre Sócrates em 399 a.C. Sócrates foi acusado de impiedade e de corromper a juventude ateniense. Os acusadores Meleto, Anito e Licon apresentaram-se no tribunal para argumentar contra Sócrates. Ao defender-se, Sócrates, uma voz que

deveria ser silenciada, mas não necessariamente morta, acabou por irritar os juízes, devido a certa ironia com que tratava a acusação. Além disso, tendo sido considerado culpado, se recusou a pagar fiança, pois, como dizia, ao examinar sua consciência não encontrava culpa. Fez, em todo caso, uma proposta aos juízes, a de viver o resto de sua vida no Pritaneu, um lugar destinado aos heróis e benfeitores da cidade de Atenas. Logicamente, depois dessa oferta estranha de pagamento, e já tendo sido considerado culpado, sua proposta não foi aceita e, em nova votação decidiu-se por condená-lo a morte.

Já de algum tempo, Sócrates havia desenvolvido uma forma de interrogar os interlocutores, com seu famoso método, denominado ‘maieutica’. Por ele, Sócrates forçava o interlocutor a desenvolver uma forma de pensamento na qual acabava caindo em contradição e verificando que aquilo que a pessoa interrogada julgava saber, não era de fato o que até então pensava ser verdadeiro. Nesse ponto, ou a pessoa se colocava em certa humildade de reconhecimento de seus erros teóricos ou então se tornava inimigo de Sócrates. O que, aliás, é um dos motivos apontados no diálogo de Platão, da Defesa de Sócrates como uma das razões de sua condenação.

Após a condenação e morte de seu mestre, segundo Durant, Platão demonstra desprezo pela democracia, tamanho ódio das massas, e como Atenas não era um lugar seguro para Platão e os seguidores de Sócrates, Platão deixa esta cidade. Há várias hipóteses sobre onde Platão tivera durante seus doze anos fora de Atenas. Platão viaja para a Sicília, por exemplo, e ao que se sabe, em suas viagens, Platão chegou a imaginar que seria possível, influenciar o tirano Dion de Siracusa a aplicar uma forma de governo semelhante àquela que Platão havia imaginado em “A República”. Acabou preso e vendido como escravo. Ao retornar a Atenas em 387 a. C., Platão funda uma escola denominada “Academia” em Atenas, será a primeira de outras que se seguirão como academias espalhadas pelo mundo.

Durante a sua vida Platão, escreveu várias obras, que são conhecidas como Diálogos Platônicos. De acordo com Santos (2008), Platão é o único filósofo da tradição que, de uma forma sistemática, transmite mensagens filosóficas na forma de diálogos.

Baseando-se na pesquisa realizada por Soares (2001), pode-se estabelecer a seguinte cronologia dos Diálogos de Platão:

Cronologia dos diálogos platônicos
Diálogos da Juventude: Carmides, Laques, Eutifron, Trasímaco (República I), Protágoras, Ion, Hípias I e II, Apologia de Sócrates e Críton.
Diálogos de Transição: Lisis, Crátilo, Eutidemo, Menéxemo, Menon e Górgias.
Diálogos da Maturidade: Fédon, Simposion (Banquete), República (Politeia), Fedro, Parmênides e Teeteto.
Diálogos da Velhice: Sofista, Político, Filebo, Timeu e Leis.

Nos diálogos da juventude, o personagem principal é sempre Sócrates. Por isso eles são também chamados de diálogos socráticos. São caracterizados pela busca por uma definição do que é justiça, do que é coragem, etc. Esses diálogos geralmente tratam de temas de Filosofia prática e não apresentam teses definitivas. Por isso, são chamados de diálogos aporéticos. Aporia é, como se sabe, uma forma de ordenação do pensamento que conduz a um caminho sem volta. De todo modo, nesses diálogos, não há referência à teoria das formas (*eidos*) ou a qualquer outra doutrina mais elaborada.

Os diálogos do período da transição mantêm praticamente as mesmas características do período anterior, mas neles já aparecem indícios da teoria das ideias, de tal forma que a temática desvia-se paulatinamente dos temas práticos para os teóricos.

Nos diálogos da maturidade, aparece de forma mais clara a tese que tornou Platão conhecido como filósofo sistemático: a teoria das formas ou ideias. O sentido eminentemente negativo ou desconstrutivo dos diálogos anteriores é substituído por um ensino positivo ou afirmativo de uma doutrina. Segundo muitos intérpretes, é Platão que expõe seu próprio pensamento pela boca de Sócrates. Estes diálogos foram escritos entre a primeira e a segunda viagem de Platão à Sicília.

Por fim, nos diálogos da velhice aparece uma nítida evolução da teoria das ideias, em que ela é inclusive duramente criticada ou mesmo abandonada. Sócrates deixa de ser o personagem principal, sendo até mesmo abandonado (Leis). O diálogo é substituído pela exposição mais sistemática de teses.

Há que se destacar também o conjunto dos diálogos chamados de metafísico: Teeteto, Parmênides, Sofista e Político. Neles, a Teoria das formas é exposta e criticada tanto em seus aspectos ontológicos quanto gnosiológicos. Ou seja, tanto sobre os problemas do ser (donde *onto*= ser; *logos*= estudo, razão) quanto sobre os problemas do conhecimento (*gnose*=conhecimento).

Por fim, em relação às obras de Platão, cabe ressaltar o estudo contemporâneo das Teorias não escritas (*agrapha dogmata*), iniciado pela Escola de Tübingen e continuada pela Escola de Milão. Aí é sugerida a existência de duas doutrinas platônicas, uma exotérica, que teria servido de base à interpretação tradicional, e outra esotérica, que era conhecida apenas pelos discípulos mais próximos.

De todo modo, vida e obra de Platão se revestem de especial interesse para a educação, como possibilidade de método de ensino, como a pesquisa em desenvolvimento procura mostrar.

2. O problema do conhecimento

O problema do conhecimento, de suas possibilidades e de seu alcance é um dos temas e problemas mais significativos em Filosofia da Educação. Dos fundamentos que dão suporte ao fazer escolar, em termos de filosofia, aqueles que dizem respeito ao próprio modo de ser escolar, o saber, o problema do conhecimento merece especialmente consideração. Sobre ele sempre se ocuparam os filósofos desde a antiguidade grega, Platão, Aristóteles e Sócrates entre eles. Desde Atenas do séc. V .a.C esses filósofos: Sócrates, Platão e Aristóteles, são ainda hoje referência para os pensamentos filosóficos contemporâneos e também para várias áreas do conhecimento que utiliza a filosofia como base de seus pensamentos, notadamente a Educação se vale de suas ideias.

Alguns dos questionamentos que encontramos nas obras de Platão são: como saber? Como podemos encontrar ou como adquirimos este saber ou conhecimento? De onde eles vêm?

Nos diálogos, observa-se que os interlocutores dialogam com Sócrates sucessivamente. Normalmente estes diálogos são travados, segundo Santos (2008) com

personalidades públicas, socialmente reconhecidas com capacidade de ensinar a outros ou simplesmente como jovens em busca de instrução, que aceitam submeter-se ao teste do valor do seu saber. Ou se não aceitam são levados pela teia de questões habilmente formuladas por Sócrates, a expor-se. Sobre a forma da maiêutica que será detalhado mais a frente, reitera-se que esse método é central na teoria do conhecimento socrático-platônico.

Os interlocutores expõem seu saber e Sócrates direta ou indiretamente o refuta com a seguinte pergunta “o que é”, os interlocutores apresenta uma resposta a qual será avaliada pela refutação de Sócrates, mas que normalmente os diálogos terminam em aporia. Portanto o pressuposto desta metodologia segundo Santos (2008) é o de que o saber infalível e a ignorância são dois únicos estados cognitivos possíveis. Pois, de acordo com Santos “se houver essas duas únicas alternativas, o sucesso da refutação prova a ignorância do respondente e a invalida de suas pretensões, ao saber,” (2008, p. 14).

No *Mênon*, após um logo diálogo entre Mênon e Sócrates, sobre se a virtude é coisa que se ensina, o que é virtude, onde Mênon tenta argumentar o que seria virtude a Sócrates e por sua vez todas são refutadas por Sócrates.

Portanto, no decorrer do diálogo, Mênon reconhece que não sabe o que é virtude, ou seja, Mênon está em completa aporia. Como demonstra o diálogo, Mênon diz: “Sócrates, mesmo antes de estabelecer relações contigo, já ouvia <dizer> que nada fazes senão caíres em aporia, e levars também outros a cair em aporia” (Platão, p. 47).

Sócrates fala a Mênon, “também agora, a propósito da virtude, eu não sei o que ela é; tu, entretanto talvez anteriormente soubesses, antes de me ter tocado; agora, porém estás parecido a que não sabe” (Platão, p. 49). Neste momento do diálogo, Platão observa o paradoxo da ignorância ou do conhecimento.

Além do *Mênon*, a *República*, o *Teeteto* e o *Fédon*. Este diálogos, conforme Santos (2008), dedicam-se inteiramente ao problema de como o saber se manifesta na alma, possibilitando assim o conhecimento. Nos diálogos não citados, esta abordagem aparece em outras perspectivas.

Com relação ao que foi dito, Santos afirma ainda que todos esses diálogos também combinam as duas “teorias” que, explicitamente no *Mênon*, no *Fédon* e no

Fedro, “condensam a proposta platônica de síntese das suas abordagens paralelas da cognição: o saber e o conhecimento” (SANTOS, 2008, p. 16-7).

1.2.1 O mundo das ideias

Platão retorna à teoria de seu mestre sobre o chamado ‘mundo das ideias’, porém dando um novo sentido a essa teoria. A teoria das ideias de Sócrates seria um conhecimento verdadeiro, o que está de acordo com o que afirma Platão, pois essa teoria “ela é o ser mesmo, a realidade verdadeira absoluta e eterna, existindo fora e além de nós, cujos objetivos são apenas reflexos” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 155).

Portanto, a doutrina central a respeito desta “teoria” em Platão é feita através da distinção de dois mundos, como nós descreve Japiassú e Marcondes (2006, p. 155).

O mundo visível, sensível ou mundo dos reflexos, e o mundo invisível, inteligível ou mundo das ideias. A essa concepção dos dois mundos se ligam a outras partes de seu sistema: a) o método é a dialética, consistindo em que o espírito se eleve do mundo sensível ao mundo verdadeiro, o mundo inteligível, o mundo das ideias; ele se eleva por etapas, passando das simples aparências aos objetos, em seguida dos objetos às ideias abstratas em enfim, dessas ideias às ideias verdadeiras que são seres reais que existem fora de nosso espírito; b) a teoria da reminiscência: vivemos no mundo das ideias antes de nossa encarnação em nosso corpo atual e contemplamos face a face as ideias em sua pureza; dessa visão, guardamos uma mudança confusa; nos a reencontramos, pelo trabalho da inteligência, a partir dos dados sensíveis, por “reminiscência”; c) a doutrina da imortalidade da alma, demonstrada no Fédon.

Na concepção platônica, portanto, o mundo inteligível constitui a verdadeira realidade, e separa do mundo sensível, por isso os críticos, principalmente Aristóteles, levantem o problema da dificuldade de relação entre os dois mundos, de naturezas diferentes e opostas. Crítica que o próprio Platão na maturidade fará no diálogo “Parmênides” quando começa a se distanciar das concepções de Sócrates.

1.2.2 O método socrático-platônico: maiêutica

Maiêutica quer dizer parto das ideias em Sócrates. No diálogo *Teeteto* Platão “mostra Sócrates definido sua tarefa filosófica por analogia a uma parteira, sendo que ao invés de dar à luz a criança, o filósofo dá à luz a ideias” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006 p.127).

O que seria de fato esse método para a educação? Esse método pode se utilizado para se pensa na Educação? Se sim como pode contribuir para pensar no process ensino-aprendizagem e na relação entre os professores e os alunos na educação?

A maiêutica, como método filosófico praticado por Sócrates, consiste, segundo Japiassú e Marcondes (2006, p. 127), num procedimento

dialético no qual Sócrates, partindo das opiniões que seu interlocutor tem sobre algo, procura fazê-lo cair em contradição ao defender seus pontos de vista, vindo assim a reconhecer sua ignorância acerca daquilo que julga saber. A partir do reconhecimento da ignorância, trata-se então de descobrir, pela razão, a verdade que temos em nós.

A maiêutica tem como elemento fundamental a questão da aporia. Ou, como Carneiro ressalta em sua tese, “a aporia corresponde a um momento do *elenklos* da maiêutica da dialética socrática, ou o fim do ciclo refutatório para o início da fase de pesquisa” (2008, p. 83).

Ao analisar as definições sobre maiêutica, e em seguida fazer uma análise sobre a educação, pode-se dizer que, ao ensinar, o professor deveria ser como os filósofos aqui estudados, fazendo com que os alunos descubram as coisas por eles mesmos. Ou seja, o professor deve ajudar seus alunos a descobrirem o conhecimento assim com a parteira ajuda a criança a vir ao mundo, e não o contrário.

No diálogo do *Mênon*, que, como dito anteriormente, é objeto principal de estudo, pode-se encontrar a questão em torno da maiêutica, pois, de acordo com Carneiro, a “demonstração da reminiscência pelo escravo é um exercício bem sucedido da maiêutica, instrumento da dialética socrática, bem como da concepção inata de conhecimento adotada por Platão” (2008, p. 78).

É importante ressaltar que, no diálogo do *Mênon*, segundo Carneiro (2008), existe um choque de paradigmas entre Mênon, que era discípulo de Górgias representante dos sofistas. Estes se valiam do método da erística, e Sócrates, representando a dialética, e Ânito, que aparece no final do diálogo, representante de uma educação tradicional, que rejeita as duas anteriores.

Devido à existência de vários paradigmas no *Mênon*, de acordo com Carneiro (2008, p. 83):

No caso de Mênon, a *aporia* tem, como sinalizamos, sua raiz no orgulho, na presunção de saber, na falta de humildade em admitir que não sabia o que pensava saber, na postura professoral, em descer de pedestal do pseudo-saber dos discursos prontos, das falas-monólogos que não resistem à refutação mais simples. Em se tratando de Sócrates, a *aporia* é tão somente uma ferramenta, um **recurso** de ironia (do latim “interrogar fingindo”), um *truque* psicológico, um *fingimento*, um horizontalizar-se e solidarizar-se com o interlocutor em seu grau de conhecimento para motivar-lhe o reinício da investigação (2008, p. 83).

Para que o método socrático-platônico aqui exposto seja de fato aplicado no contexto da educação, é preciso, inicialmente, que o professor não se considere superior ao seu aluno. Em seguida, que procure conduzir, por meio de perguntas, à descoberta do conhecimento, instigando o aluno à investigação.

1.2.3 Reminiscência e conhecimento

O que é Reminiscência? A palavra reminiscência em um sentido genérico, significa lembrança ou recordação de algo. Em Platão, notadamente nas obras *Mênon*, *Fedro* e *Fédon*, tem o sentido de uma doutrina segundo a qual a alma, antes de sua encarnação no corpo, teria tido contato direto com as formas que constituem o mundo inteligível, e delas se recordaria posteriormente quando já encarnada. A recuperação desse contato estaria na base da possibilidade do conhecimento e constituiria seu ponto de partida. Isso explicaria a possibilidade de haver um conhecimento prévio à experiência e independente dela, sendo, portanto uma forma de inatismo ou apriorismo. No contexto da educação, como possibilidade de utilização da maiêutica como contribuição ao ensino, é possível afirmar que teoria da reminiscência, seguindo a

sugestão de Paviani, é “relevante para o entendimento filosófico do fenômeno da aprendizagem em geral [...]” (2011, p.246). Também segundo Carneiro (2008), Platão articula o conhecimento, o ensino e a aprendizagem no inatismo metodologicamente viável pela reminiscência.

De acordo com estas afirmações, vê-se que a reminiscência é importante para se entender o processo de conhecimento exposto por Platão em seus diálogos. E que está interligada à teoria das formas (mundo das ideias), a sua recordação, anamnese.

De acordo com Paviani (2011, p. 247), a relação entre aprendizagem e reminiscência,

no Mênon, tem como cenário a busca da definição de virtude e, no Fedon, o problema da imortalidade da alma e, ainda, no Fedro, a experiência do amor e da fala retórica e dialética. Portanto, a questão do aprender e, igualmente, do ensinar, nesses diálogos, situa-se nos horizontes da ética. Platão investiga o aprender tendo presente o conhecimento das formas, adquirido, segundo ele e as tradições órficas e pitagóricas, na pré-existência da alma. Já na república e no Teeteto, o horizonte da visão noética é concebido a partir de um conjunto de relações éticas, epistemológicas e ontológicas que entrelaça o fenômeno da aprendizagem com os graus de ser e de conhecer e com o projeto pedagógico de formação dos indivíduos e dos filósofos tendo como mete a polis justa e ideal.

No Mênon, aparece a questão da reminiscência quando Sócrates diz:

[...] Dizem eles, pois que a alma do homem é imortal, e que ora chega ao fim e eis aí o que se chama morrer, e ora nasce de novo, mas que ela não é jamais aniquilada. É preciso, pois, por causa disso, viver da maneira mais pia possível. (81b). Sendo então a alma imortal e tendo nascido muitas vezes, e tendo tanto as coisas <que estão> aqui quanto as <que estão> no Hades, enfim todas as coisas, não há o que não tenha aprendido... (81d).

Pois, para Sócrates, não aprendemos as coisas, e sim, as rememoramos. E, para provar sua tese, Sócrates faz uma demonstração a Mênon que “[...] aquilo que chamamos aprendizado é rememoração” (81b). Sócrates pede a Mênon que chame um escravo, ignorante em matemática. E, no diálogo que se desdobra a seguir, tem-se a apresentação de uma pedagogia extremamente sofisticada, baseada não na transmissão de conhecimento, mas no questionamento, na provocação. Também não se trata de um simples estímulo que busca aumentar a auto-estima do educando. É um estímulo rico de

conteúdo, que mergulha no ponto de vista do educando e o faz deparar-se com suas próprias contradições. Sócrates acha que a primeira das verdades a consciência da própria ignorância. O educando precisa passar por isso para pôr-se no caminho do aprendizado.

Todas essas são questões e possibilidade que o desdobramento da pesquisa, desenvolvida no PIBIC, e, em fase de conclusão, apresenta como indicativos para o ensino. Trata-se de uma ligação entre filosofia antiga e educação contemporânea, no contexto da tradição filosófica ocidental, aqui apenas brevemente apontada.

Conclusão

Do conjunto de ideias aqui apresentado, deve ser ressaltada a atualidade das questões de ordem filosófica. O mundo ocidental, tributário do pensamento grego, dele herdou um conjunto significativo de ideias que organizam e, de certo modo, constroem o mundo atual. Não seria diferente em relação à Educação, cujos desdobramentos se encontram presentes desde os gregos e sua concepção de formação de homem, a Paidéia.

Aqui, o que se pretendeu é mostrar influências recíprocas entre os problemas e possibilidades do conhecimento, pela teoria do conhecimento, norteadas pela ideia de reminiscência e as questões da educação e do ensino, pela maiêutica.

Referências

CARNEIRO, Oscar de Lira. **Aprender é recordar**: o conhecimento e aprendizagem por reminiscência no Mênon de Platão 2008. 135 f. Tese (doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-23112009-145646/pt-br.php>> Acesso em: 12 jan. 2012.

DURANT, Will. **A História da filosofia**. Trad. Luiz Carlos do Nascimento Silva.

FANTICELLI, Luteclio. **Questões essenciais da dialética em Platão**. Passo Fundo: Méritos, 2003.



GABOARDI, E. A. . A Educação na Dialética Socrática. In: **III Seminário de Educação** - Educação escolar no País das Diferenças: Percursos interculturais na Amazônia, 2010, Ji-Paraná. CD dos Trabalhos. Ji-Paraná: UNIR, 2010.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 4. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PAVIANI, Jayme. **Ética e aprendizagem em Platão**. HYPNOS, São Paulo, n.º 27, 2.º semestre 2011, p. 246-259. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/hypnos/article/viewArticle/7405>> Acesso em: 12 jan. 2012.

Platão. **Mênon**. Tradução de Maura Iglesias. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Loyola, 2003.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

_____. **Diálogos**: Apologia de Sócrates, Eutífron, Críton, Fedon. São Paulo: Hemus, 1988.

_____. **Diálogos**: O Banquete, Fédon, Sofista e Político. Tradução de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores).

_____. **Fedro** ou da beleza. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.

_____. **Teeteto**. Tradução de Manuel Balasch. Barcelona/Madrid: Anthropos/Ministerio da Educación y Ciencia, 1990.

SANTOS, José Trindade. **A ontoepistemologia dos diálogos socráticos**. São Paulo: Loyola, 2008.

_____, José Trindade. **Alma, cidade, cosmo**. São Paulo: Loyola, 2008.

_____, José Trindade. **O problema do saber nos diálogos sobre a teoria das formas**. São Paulo: Loyola, 2008.

SOARES, Márcio. **A ontologia de Platão**. Passo Fundo: UPF, 2001.